

TESP3: O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DA TORRE DO ESPORÃO (REGUENGOS DE MONSARAZ)

Victor S. Gonçalves (*)

1. identificação do sítio;
2. localização e descrição;
3. objectivos e condições em que decorreram os trabalhos;
4. o evoluir da escavação (1990-91);
5. estruturas;
6. materiais;
7. discussão e cronologia provável.

1. IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

O sítio 3 da Torre do Esporão — designado em código de sítio por TESP3 — foi identificado no Outono de 1989 por Victor S. Gonçalves, Manuel Calado e Leonor Rocha, quando efectuavam o levantamento arqueológico da Herdade do Esporão.

Informações transmitidas ao signatário por Joaquim Bandeira, administrador delegado da FINAGRA (a empresa proprietária da Herdade), referiam que, aquando da construção do canil, tinham sido recolhidos fragmentos cerâmicos, entretanto desaparecidos. Essa área foi designada por TESP1, e devidamente prospectada, mas não foi nela recolhido, à superfície, qualquer fragmento cerâmico ou detectado o menor vestígio arqueológico.

A leitura dos perfis de uma grande vala, escavada nos anos 70 e destinada, segundo a versão recolhida, à construção de uma piscina, revelou fossas com ocupações diferenciadas no tempo, uma provavelmente calcolítica, outras com materiais da Idade do Bronze, e outra com vestígios da II Idade do Ferro. Esta área foi designada por TESP2.

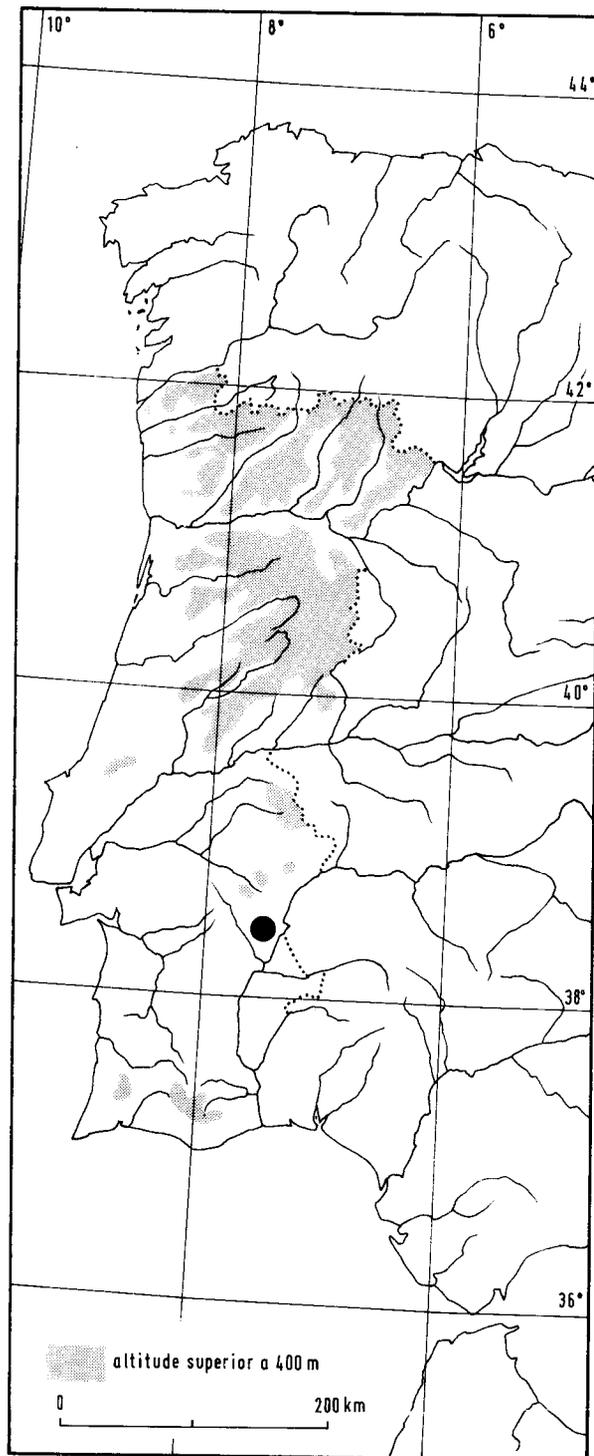
Finalmente, a prospecção de um olival que se encontra nas «traseiras» da Torre medieval evidenciou um conjunto de artefactos atribuíveis ao Calcolítico, ainda que a sua relativa escassez impedisse, nesse momento, uma localização adequada dentro do 3.º milénio.

Esta última área, bem diferenciada, foi designada por TESP3 e é dela que este trabalho se ocupa.

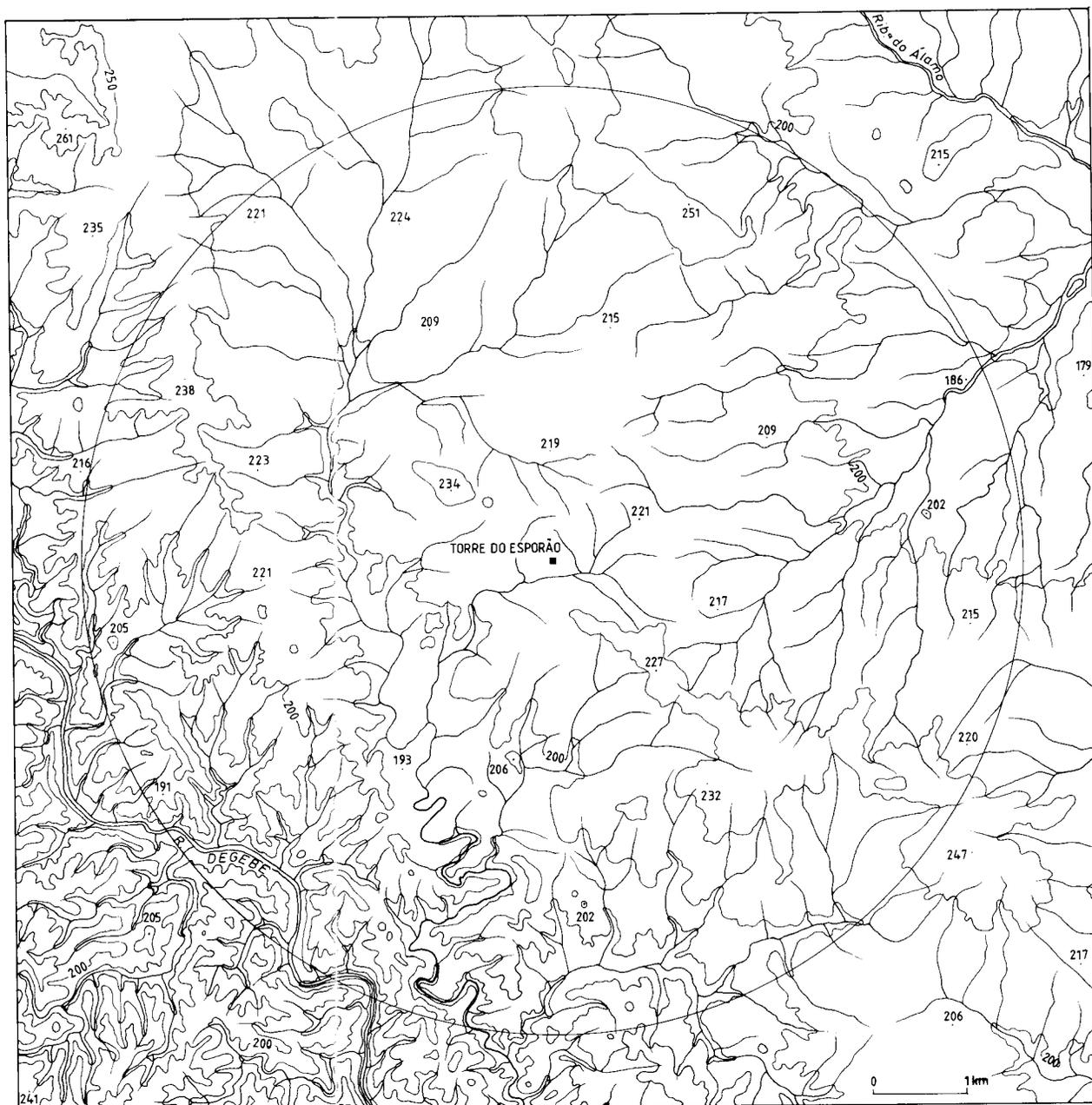
2. LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO

O sítio designado TESP3 localiza-se junto (e provavelmente sob) a Torre do Esporão. A Torre faz parte da mais antiga «Defesa» do Alentejo e teria sido primeiramente ocupada no séc. XIII.

(*) Director da UNIARQ (Unidade de Arqueologia).



Mapa 1 — Localização de TESP3 na faixa ocidental da Península Ibérica.



Mapa 2 — Localização de TESP3. O círculo indica uma das áreas prospectadas, desde o Degebe até um dos afluentes da Ribeira do Álamo.

A construção da Torre não está datada com precisão, sabendo-se apenas que os limites da Herdade foram fixados em 2 de Maio de 1276 por D. João Peres de Aboim, Mordomo de D. Afonso III ⁽¹⁾. Mas a existência de algum, ainda que escasso, material romano de construção poderia talvez sugerir a existência, no local, de construções anteriores.

A implantação da área de ocupação pré-histórica incide numa área levemente aplanada, com grande raio de alcance visual. Monsaraz é perfeitamente visível, bem como a Serra das Pedras. Noutro sentido, logo após a subida do Degebe em direcção a Norte, um viajante avista facilmente o lugar onde se erigiu a Torre.

Ficha de sítio:

Distrito: Évora

Concelho: Reguengos de Monsaraz

Freguesia: Reguengos de Monsaraz

Localização: Torre do Esporão, Cerca do Esporão, Herdade do Esporão

Coordenadas UTM: X: 626.5.5

Y: 4250.4.0

Altimetria: 220 m

Cartografia disponível: CMP: 482 (ed. 1968)

3. OBJECTIVOS E CONDIÇÕES EM QUE DECORRERAM OS TRABALHOS

3.1. *Objectivos e características específicas da intervenção de 1990*

Grande parte da intervenção de 1990 em TESP3 decorreu sob a designação de *I CAMPO ESCOLA DA UNIARQ E DO IAFLI*. A UNIARQ é a *Unidade de Arqueologia* do Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa, um organismo de pesquisa do *Instituto Nacional de Investigação Científica*. O IAFLI, o *Instituto de Arqueologia* da Faculdade de Letras da mesma Universidade.

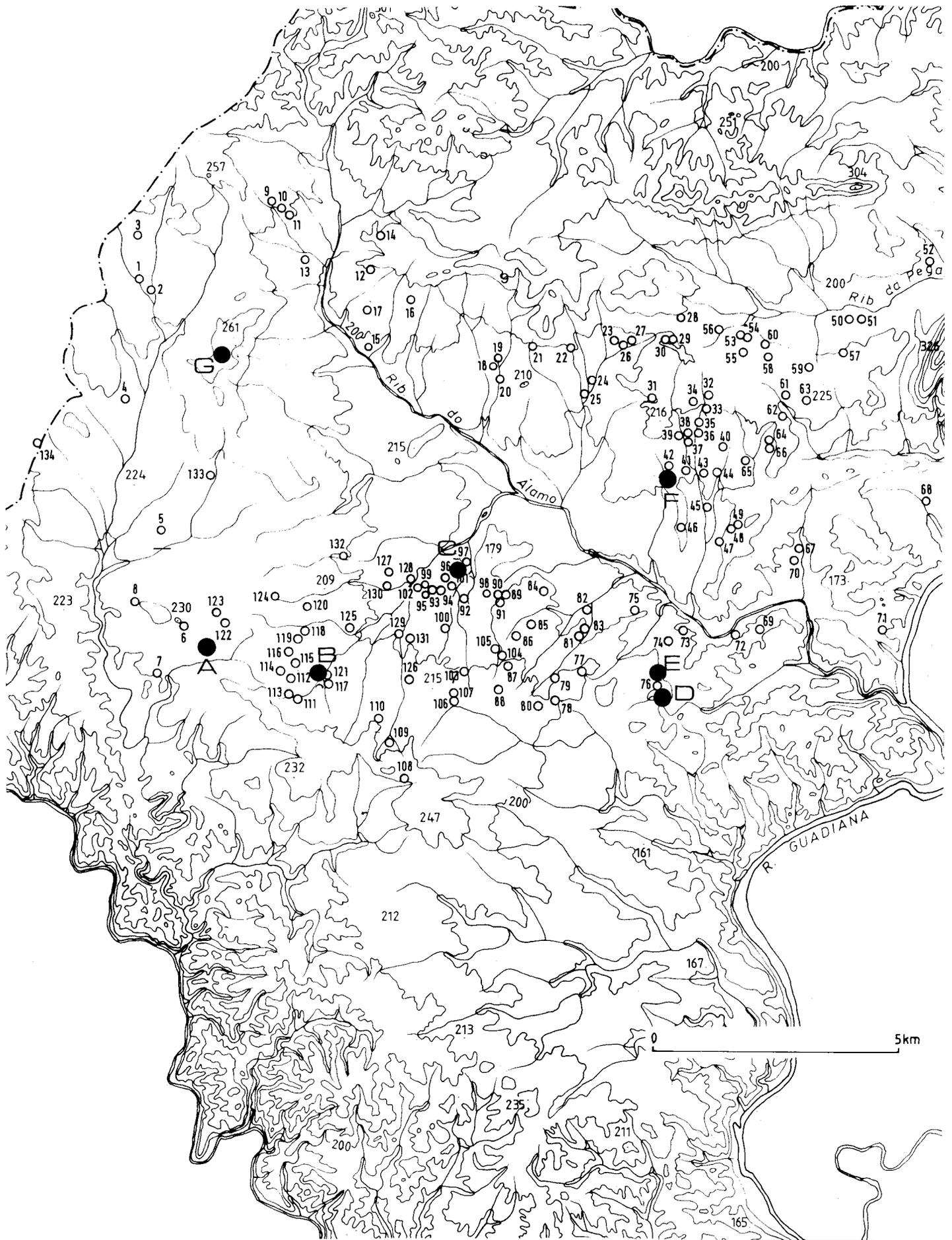
O Campo Escola destinava-se, pois, especificamente, aos alunos da Variante de Arqueologia do Curso de História da Faculdade de Letras, ainda que a componente de investigação estivesse longe de estar ausente. O programa PEESAP ⁽²⁾, dirigido pelo autor, inclui justamente entre os seus objectivos povoados de este tipo. E, nesse sentido, à primeira fase, «didáctica», da escavação, sucedeu-se outra, composta por várias estadias complementares, para terminar trabalhos deixados por concluir pelas condicionantes já enunciadas para as primeiras semanas da intervenção.

Mas uma das razões que implicou a escolha de este local teve também a ver com a existência de possibilidades financeiras e logísticas possibilitando que nele se efectuasse correctamente o trabalho minimamente necessário para a caracterização de sítios de esta época. Sobretudo no negro contexto que é hoje o do financiamento da actividade arqueológica em Portugal (ver a respeito, entre outros, o texto «Arqueologia? Que Arqueologia?», Gonçalves, 1989c).

Tais possibilidades devem-se aliás, quase exclusivamente, à FINAGRA, empresa proprietária da Herdade do Esporão, que suportou a quase totalidade dos custos da intervenção, e muito particularmente a Joaquim Bandeira, cuja simpatia, compreensão e interesse obrigam a que o seu nome fique claramente ligado ao sítio e a esta escavação.

⁽¹⁾ Estes limites parece terem sido integralmente conservados até aos nossos dias, o que, como se sabe, é raríssimo para uma propriedade com quase 2000 hectares.

⁽²⁾ PEESAP: Programa para o estudo da evolução das sociedades agro-pastoris no Centro/Sul de Portugal. Em funcionamento na UNIARQ desde 1987, conduziu a escavações no Concelho de Vidigueira (Manganha e Sala n.º 1: Gonçalves, 1987) e, particularmente, de Reguengos de Monsaraz (Monte Novo dos Albardeiros, Gonçalves, 1988-89).



Mapa 3 — As antas de Reguengos de Monsaraz, segundo Georg e Vera Leisner, numa nova cartografia (segundo Victor S. Gonçalves, 1992), assinalando-se os principais povoados pré-históricos do 4.º e do 3.º milénios em curso de estudo. A: TESP3; B: Monte Novo; C: Areias; D: Marco dos Albardeiros; E: Monte Novo dos Albardeiros; F: Monte do Azinhalinho; G: Perdigoães.

3.2. Características da intervenção de 1991

Os resultados da Campanha 1(90), e particularmente os das várias pequenas estadias para completar a sua primeira fase, tinham permitido estabelecer um primeiro balanço da situação.

As características do sítio exigiam, portanto, a prossecução dos trabalhos, particularmente no TESP3, com colaboradores já treinados. Deu-se assim prioridade aos estudantes da Variante de Arqueologia com treino de campo subsequente, sobretudo os participantes na primeira Campanha de escavações na Anta 2 do Olival da Pega⁽³⁾, ainda que outros tivessem também sido incluídos nas equipas de terreno.

LINHAS DE ACÇÃO PROGRAMADAS:

1. ampliação da sondagem de 1990, a partir de agora designada, sempre que necessário, por «Corte 1», mantendo-se a abreviatura usada na marcação de materiais: TESP3+QD+N⁽⁴⁾;

2. abertura de uma nova sondagem, designada por TESP3-Corte 2. Esta sondagem destina-se a averiguar uma extensa área de 20 × 22 m (o que corresponde a 440 m²), numa quadrícula orientada a 216°, incluindo componentes de 2 × 2 m (a malha de quadrícula usada em toda a Torre do Esporão).

A coordenada 16ª a 216ª é a alfabética, e vai de G a R, com a supressão do I (i) com a intenção de evitar possíveis confusões de grafia com o J (j).

A coordenada numérica vai de 7 a 18 e cresce na orientação de 116ª para 316ª;

3. continuação da sondagem iniciada em 1990 junto à Torre e interrompida por razões atmosféricas. Nesta área, designada «Corte 3», implantaram-se 3 quadrados 2 × 2 m, numa fiada paralela à face da Torre. Os quadrados foram registados como N-P-Q/111⁽⁵⁾. É seu objectivo averiguar o tipo de alicerces em que a Torre assenta, mas também confirmar a existência, sob a construção medieval, do povoado pré-histórico (sublinha-se que, nos inícios desta sondagem, se recolheu um prato de tipologia calcolítica, para além de outros materiais do mesmo período dos recuperados no olival.

ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO ESTABELECIDADA PARA AS TRÊS ÁREAS EM PESQUISA:

1. no Corte 1, orientado a 290°, a coordenada alfabética cresce na direcção 90ª a 290ª e a numérica na direcção 190ª para 390ª.

A área já escavada (em 1990) compreendia os quadrados L-N/ 7-8-9. Em L.7., tinha sido identificada uma estrutura de interpretação impossível em fins da Campanha de .90. Ao mesmo tempo, tinha-se verificado uma clara rarefacção de materiais arqueológicos na área de transição da coordenada M para a coordenada N. Assim, a ampliação da área já escavada faz-se em direcção à coordenada 190ª, compreendendo os quadrados L-M/5-6 e ainda as coordenadas K-J/5-6-7-8-9;

2. a sondagem 2 foi estudada de forma a corresponder à averiguação de uma área ampla. No sentido de a adequar a essa realidade, planificou-se a abertura de uma área central, compreendendo a área da quadrícula K-N/11-12-13-14. A total inexistência de informação sobre este sector aconselhou a abertura isolada dos quadrados N.11. e N.14. bem como, numa fase posterior, K.11..

A organização da escavação do Corte 2 implica também a abertura de quadrados periféricos isolados, em R (R.7.-R.11.-R.14.-R.18), N (N.7. e N.18.), K (K.7.-K.18.) e G (G.7.-G.11.-G.14.-G.18.).

(3) Em Julho, Agosto e Setembro de 1990 decorreu, sob minha direcção, a primeira Campanha de escavações na Anta 2 do Olival da Pega (OP2), em Reguengos de Monsaraz. Os trabalhos foram interrompidos em 1991, estando aparentemente garantida a sua conclusão em 1992-93.

(4) [Torre do Esporão, sítio 3 + Quadrado + n.º de inventário do objecto ou artefacto dentro da sequência 1 a n do quadrado]. Como é norma, nas escavações de sítios pré-históricos levadas a efeito no âmbito da UNIARQ, procedeu-se ao registo tridimensional dos artefactos. Este registo foi, ainda durante a escavação, transposto para base de dados (o *software* correu em DOS 5, tendo sido usado o Dbase 4, da Ashton Tate).

(5) Este número toma em conta a possibilidade de uma única quadrícula vir a envolver futuramente a plataforma em que assenta a Torre, o que implicaria naturalmente uma área muito extensa a quadricular.

A escavação na área do Corte 2 destina-se a investigar uma das áreas mais problemáticas de TESP3, área em que a actual inexistência de oliveiras pode querer indicar a existência, num passado indeterminado, de uma ampla construção agrícola, hoje desaparecida;

3. a sondagem 3 foi orientada de acordo com a própria orientação actual da parede poente da Torre, isto é: de 64 para 264^º. A coordenada alfabética corre assim de 64 para 264^º e a numérica de 164 para 364^º.

4. O EVOLUIR DA ESCAVAÇÃO (1990-91)

A definição das primeiras áreas cobertas pela quadrícula teve em linha de conta um povoado pré-histórico sem condicionantes específicas à partida.

De acordo com a filosofia geral dos investigadores da UNIARQ, quer utilizem o método Wheeler adaptado, ou o da *open area*, a área a investigar *nunca é restrita*. Com dimensões mínimas iniciais nunca inferiores a 6 × 6 m (em malhas com unidades 2 × 2 m), a quadrícula é sempre implantada de forma a poder crescer em várias direcções, conforme os dados obtidos durante a escavação do sector inicial.

Em 1990, multiplicaram-se os indícios de se tratar de um sítio com características muito particulares. Se os materiais recolhidos remetiam claramente para uma das fases calcolíticas de Papa Uvas, as estruturas não estavam ainda definidas com suficiente rigor. Aparentemente, a distribuição espacial dos artefactos indicava uma mancha de ocupação longa e estreita, ladeada de áreas arqueologicamente estéreis.

Uma estrutura circular, formada por pedras de corneana de dimensão média, poderia ser interpretada de diversas formas, sem que houvesse unanimidade. Situava-se a cerca do meio da faixa de ocupação referida.

Em 1991, era obrigatório um avanço decisivo no sector, de forma a obter confirmações para a interpretação da única estrutura claramente definida e para se conseguir uma leitura de área mais ampla. Neste sentido, a abertura das coordenadas J. e K. viria a ser extremamente esclarecedora. O sol intenso conduziu a que se verificassem no local temperaturas ligeiramente superiores a 49 graus centígrados⁽⁶⁾. Se as consequências sobre o ritmo de trabalho são compreensivelmente negativas, o solo beneficiou da forte evaporação da humidade remanescente, maior nas áreas sem restos antrópicos, o que evidenciou os contornos de topo da fossa de K.8./9. Mesmo assim, a leitura da parte superior da fossa só foi possível com luz directa, cerca do meio-dia solar. O crescimento da evaporação viria a permitir, posteriormente, uma melhor legibilidade.

Com uma ampla área aberta, a estratégia consistiu na escavação das áreas arqueológicas até ao completo esclarecimento da situação.

5. ESTRUTURAS

5.1.

Tal como se tornou evidente logo após a publicação dos primeiros resultados de escavação em Papa Uvas (Martín de la Cruz, 1985 e 1986a) e como a sua posterior discussão viria confirmar (Martín de la Cruz, 1989), as estruturas detectáveis neste tipo de povoados revestem-se de extrema dificuldade de interpretação.

Resumidamente se dirá que estas estruturas se distribuem nos povoados com estas características por três tipos principais: (1) «sanjas», espécie de fossos mais ou menos profundos e por

(6) Esta situação implicou que, por razões óbvias, o horário de trabalho fosse estabelecido em dois períodos, das 8:00 às 12:00 horas e das 16:00 às 20:00. Recomenda-se aos burocratas do ar condicionado, que pensam que a Arqueologia é uma «actividade para férias», uma estadia em sítios com as temperaturas de TESP3 (ou do Olival da Pega ou da Sala n.º 1).

vezes de grande comprimento (dezenas, centenas de metros, em Papa Uvas e Valencina); (2) «fossas», depressões escavadas no solo de desagregação da rocha-mãe, de dimensões relativamente pequenas, por vezes não ultrapassando 1 m de diâmetro; (3) «buracos de poste», normalmente não estruturados e de diversas dimensões.

Mas verdadeiramente extraordinário, por dificilmente compreensível, é o facto verificado em Papa Uvas (e agora em TESP3) da *inexistência de materiais arqueológicos fora das estruturas referidas* (⁷). A esta situação é de acrescentar, em TESP3, a extrema dificuldade de conduzir uma escavação em *open area*, nestas condicionantes, num solo que conserva a água de Inverno por muito tempo, quase impossibilitando leituras significativas de cores.

Em TESP3, detectaram-se os três tipos de estruturas, comuns em sítios similares.

5.2. *buracos de poste*

Não se vê outra interpretação para as estruturas detectadas em M5 e M8.

Polémica me pareceu de início a interpretação da estrutura de M8. Teoricamente, tanto poderia tratar-se de uma fogueira estruturada (ou *estrutura de combustão*) como de um buraco de poste de grandes dimensões. A mesma questão me coloquei aliás aquando da publicação de uma estrutura semelhante encontrada no Alto do Dafundo. Apesar da deficiente publicação do sítio, observa-se que os autores, apontando sem hesitar aquela interpretação, não fornecem pormenores minimamente esclarecedores.

Em ambos casos há que considerar a ausência de cinzas, carvões ou restos de cozinha quer no interior quer nas imediações das estruturas. Mas também em ambos casos há que considerar as dimensões da estrutura e dos seus componentes, que parecem excessivas quando confrontadas com outros buracos de poste estruturados do Calcolítico.

5.3. «sanja» ou «fosso»

O Corte 1 de TESP3 é atravessado, em diagonal, por uma mancha de presença de artefactos. A essa mancha corresponde uma espessura de solo arqueológico de cerca de 50 cm.

Se a existência desta distribuição bem delimitada dos achados era já patente em 1990, só em 1991 foi possível constatar subtis diferenciações cromáticas que assinalavam o percurso da «sanja» ou fosso (⁸).

Uma particularidade importante é a de, num momento posterior à formação do primeiro depósito arqueológico no fundo da «sanja», o seu fundo de então ter sido preenchido, na área central e no sentido longitudinal, por uma fieira de lajes de xisto cravadas obliquamente. Na área escavada, essa fieira interrompe-se para o assentamento da estrutura de corneanas interpretada como um possível buraco de poste estruturado, o que dificulta ainda mais a interpretação do conjunto.

5.4. *A fossa circular em K.8./K.9*

Designada por «Fossa 1» (na expectativa da existência de outras), a estrutura «negativa» detectada nos quadrados K.8. e K.9. reveste-se de um grande interesse, tanto pelo seu significado funcional como pelo seu conteúdo.

(⁷) Inexistência que se manteve nas últimas Campanhas de escavação, ainda inéditas. Informação pessoal de Martín de la Cruz, em 91.09.19.

(⁸) A Campanha de escavações de 1990 decorreu na Primavera, por vezes sob chuva intensa, e no Outono, em ambas situações num solo quase completamente alagado. A elevada capacidade de retenção de água pelo solo dificultou as leituras de cor, ao homogeneizar cromaticamente os planos em escavação. Em 1991, a Campanha decorreu em Julho/Agosto, verificando-se, à medida que a escavação progredia, uma acentuada secagem do solo, devida às elevadíssimas temperaturas que se registaram. A fase média de secagem do solo é, em TESP3, a altura ideal para as interpretações com base nas leituras de cor.

A escavação de K.8. e K.9. acabou por revelar uma depressão escavada *sobre e no* solo granítico deteriorado. O aspecto circular da secção da fossa foi evidenciado pela escavação por decapagem controlada, tendo sido inicialmente detectada pela acumulação de grandes blocos de «barro de cabanas», restos cerâmicos e numerosos restos de fauna, ao Z local de 77 cm. A fossa foi, como se disse, escavada no areão e no granito, mas «ferrada» com pedras de pequenas dimensões (xisto e corneanas). Sobre este forro foi aplicado «barro de cabanas», de forma a impermeabilizar o interior. O fundo da fossa apresentava uma grande concentração de pedras, «barro de cabanas», pesos de tear, entre os quais 2 inteiros (K.8.-146 e -171) o machado K.8.-184 e restos de recipientes cerâmicos.

Começando pelo mais fácil, o comentário é simples: o conteúdo da Fossa 1 representa o aglomerar de um conjunto de detritos domésticos num espaço construído, ainda que não necessariamente com essa intenção.

O conteúdo artefactual da Fossa 1 pode ser analisado de diversas maneiras. Considerando que as deposições de sedimentos e restos de utensílios se fizeram naturalmente de baixo para cima, e que nenhuma diferenciação cromática era legível no perfil obtido pela escavação⁽⁹⁾ operou-se uma divisão convencional, de acordo com a coordenada Z, por fatias de 10 cm de espessura. *Os níveis artificiais (nva) foram numerados de baixo para cima, contando-se 6.* Os artefactos registados com a referência S (Superfície), e correspondendo à primeira remoção de terras do sector, foram afastados desta leitura, tal como os que tinham um Z entre 026 e 035 cm, cuja localização foi atribuída a factores não determinados e não relevantes para a história desta área.

Um quadro resumo dá-nos uma primeira percepção dos utensílios recolhidos. As categorias criadas correspondem à minha proposta de classificação por categorias dos testemunhos arqueológicos (Gonçalves, 1989a), com as actualizações necessárias.

NVA	1	2	3	4	5	6	T
ACD — cincho	0	0	0	1	0	0	1
— PTC	8	12	8	8	11	8	55
— PTP	0	0	1	2	2	0	5
CER — NE	13	12	20	18	24	29	116
— CAR	0	0	1	1	1	0	3
— CAR MAM	0	1	0	0	0	0	1
— MAM	3	0	2	1	3	5	14
IND	0	0	1	0	1	0	2
MTL — ESC	0	0	0	1	0	0	1
PAF — MOV	0	0	0	1	2	0	3
— PRC	1	0	2	2	2	2	9
PL — N LML	0	0	0	1	0	0	1
— FUR LM	0	0	1	0	0	0	1
— PS	0	0	0	0	1	0	1
PNA — PDR USO	0	0	0	1	0	0	1
— SX USO	1	0	0	1	2	0	4
PP — M	1	0	0	0	1	0	2
— E	0	0	1	0	0	0	1
SAG — ID CORN	0	1	0	1	0	0	2
Total de registos:	27	26	37	39	50	44	223

NVA: nível artificial; T: total por categoria; ACD: artefactos cerâmicos diversos; PTC: pesos de tear (crescentes de tipologias diversas); PTP: pesos de tear (placas); CER: cerâmicas; NE: cerâmicas não especificadas; CAR: taças carenadas; CAR MAM: taças com mamilos sobre a linha de carena; IND: indeterminados; MTL: vestígios de metalurgia; ESC: escória de fundição de cobre; PAF: pedra afeiçãoada; MOV: moventes; PRC: percutores; PL: pedra lascada; N LML: núcleo de lamelas; FUR LM: furador sobre lâmina; PS: ponta de seta; PNA: pedra não afeiçãoada, mas com sinais de uso; PDR USO: pedra com sinais de uso; SX USO: seixo com sinais de uso; PP: pedra polida; M: machado; E: enxó; SAG: artefactos presumivelmente relacionados com o sagrado; ID CORN: «ídolo de comos».

⁽⁹⁾ No sentido de se obter essa leitura, escavou-se inicialmente apenas metade da Fossa 1. Quando se constatou a inexistência de informação estratigráfica legível no perfil, escavou-se então a outra metade.

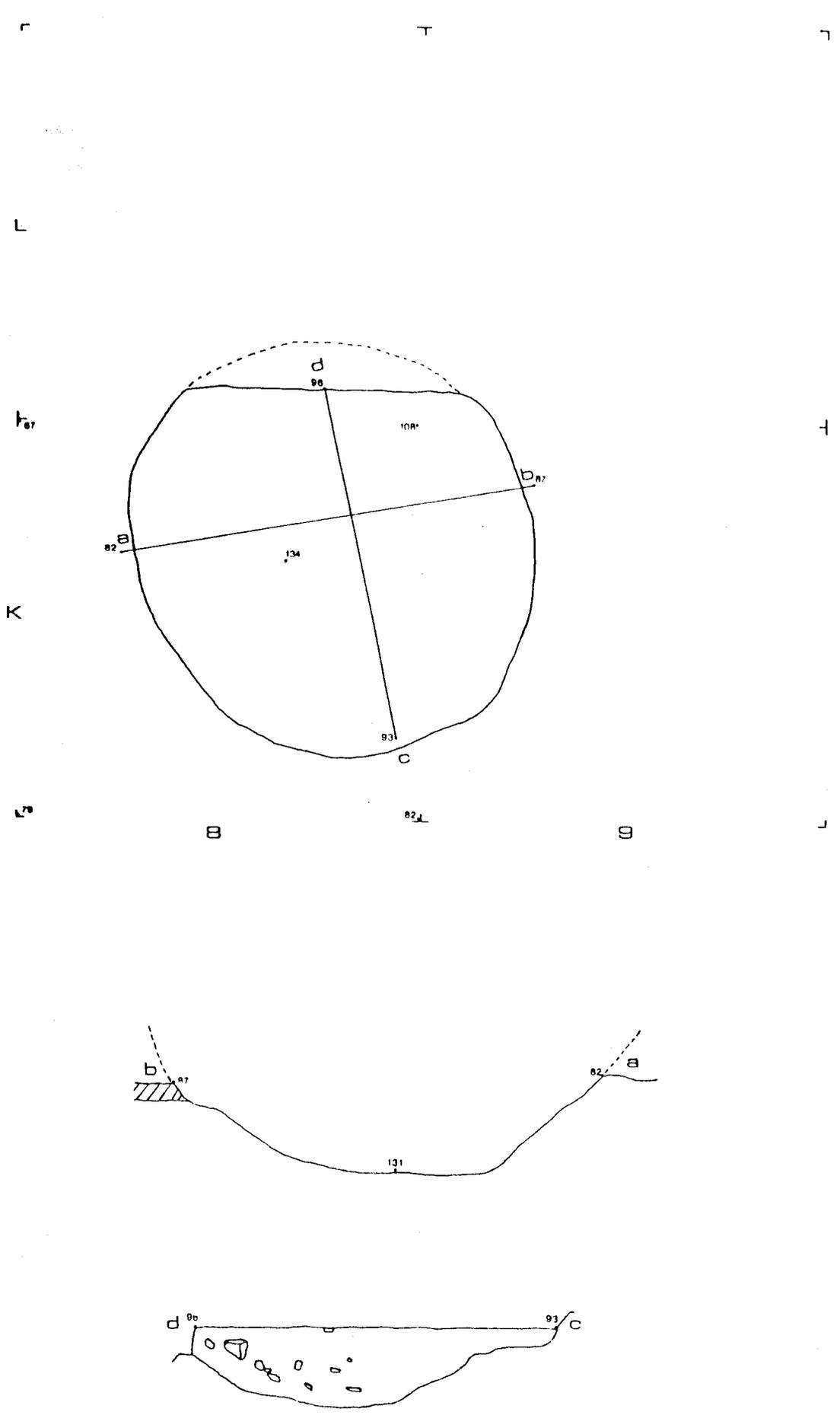


Fig. 1 — A «fossa» K8-K9 e respectivos cortes. Dimensões da malha da quadrícula: 2 × 2 m.

A leitura de este Quadro seria interessante, quanto mais não fosse pela diversidade do seu conteúdo.

Se deixarmos para o fim a cerâmica, aliás presente em esmagador número (134 registos individuais, para além dos fragmentos que não permitem identificação de forma, geralmente bojós e fundos), pode-se dizer que estão representadas quase todas as categorias de artefactos recolhidas até ao momento em TESP3, não esquecendo os habitualmente raros artefactos líticos, quer de pedra polida quer de pedra lascada.

A cerâmica apresenta, no entanto, a particularidade de algumas formas surgirem com muito escassa representação. Tal é o caso das taças carenadas (cuja percentagem global no sítio ultrapassa os 20 %), aqui reduzidas a um número inferior a 3%. Também as cerâmicas mamiladas surgem representadas em cerca de 10% do conjunto, o que, estando mais próximo dos números globais, não coincide totalmente.

Os pesos de tear representam uma situação muito interessante neste conjunto, dada a constância da sua presença, não deixando de ser curiosa a localização dos que são habitualmente designados ⁽¹⁰⁾ como «placas», na Fossa 1 de TESP3, posteriores no tempo aos «crescentes» de corpo achatado e secção sub-retangular.

Um ponto deverá também ser esclarecido, já que lhe não deve ser atribuído qualquer significado: o do crescimento progressivo dos registos. Com efeito, o traçado em tronco de cone da Fossa explica por si só que o número de registos seja inferior na base, onde a área que os contém tem volume menor.

Assim sendo, a questão, agora, resume-se à interpretação funcional do conjunto.

Martín de la Cruz, em 1989, apresentou uma hipótese interpretativa para estas estruturas, desde Bonsor muitas vezes consideradas como silos. Para o escavador de Papa Uvas, as cabanas teriam, *ao centro e sob elas*, fossas para drenagem das águas das chuvas, que poderiam, posteriormente, ter funcionado como lixeiras. O solo de Papa Uvas é assim descrito: «...quando abbiamo scavato nel mese di Settembre, e la prima pioggia autunnale è caduta, abbiamo constatato come il terreno diventasse appiccaticcio, legandosi alle scarpe, rendendo piú difficile il camminare.» (*ibid.*, nota 2 à p. 84).

Esta descrição poderia aplicar-se a TESP3, sem qualquer alteração. O que não significa que não me pareça ainda cedo para se assentar numa definitiva interpretação destas estruturas.

De qualquer forma, a Fossa 1 de TESP3, pelos utensílios que continha e pelos restos de fauna muito fragmentados nela recolhidos, não parece ter tido qualquer função na armazenagem de cereais. Toda a terra do seu interior foi crivada por lavagem e nenhum vestígio de cereal foi identificado. Por outro lado, o seu conteúdo é perfeitamente compatível com uma área restrita de habitação ou actividade doméstica. Talvez a escavação de outras estruturas venha a permitir maiores convicções na interpretação, mas estes factos têm necessariamente que ser sublinhados.

6. MATERIAIS

6.1.

Os registos individuais de campo ⁽¹¹⁾ ultrapassam os 1500, sendo de vários milhares os fragmentos de cerâmica comum que não permitiram leitura de forma. Estes números tornam com-

⁽¹⁰⁾ Nem sempre com felicidade ou adequação, diga-se. Salvo nos casos em que dispomos do artefacto inteiro, a interpretação de um fragmento de peso como pertencendo a uma «placa» raramente é um acto isento de riscos. Isto porque determinados «crescentes», muito alargados e de secção rectangular, são facilmente confundíveis com «placas», particularmente quando deles apenas dispomos uma pequena extremidade.

⁽¹¹⁾ Entenda-se por «registo individual de campo» todo o objecto ou artefacto que dispõe de registo próprio em ficha-mãe, acompanhado ele próprio por ficha individual, e provido, entre outras, de informação sobre a sua localização espacial dentro da quadrícula (coordenadas X, Y e Z). As fichas individuais que a UNIARQ fixou derivam das criadas pelo projecto de arqueologia que a antecedeu no Instituto Nacional de Investigação Científica, ainda hoje usadas por diversos investigadores portugueses. A respeito, ver Gonçalves, 1979. Uma actualização está neste momento em curso de preparação e será oportunamente divulgada.

preensível que a sua apresentação quantificada seja apenas estabelecida após desenho e contagem por categorias, na monografia que, em devido tempo, se irá preparar sobre este sítio.

No entanto, penso que uma listagem dos objectos e artefactos já identificados ajudará a compreender melhor as características da sua população artefactual.

Apresento, de início, uma lista de presenças, cuja estrutura de ordenamento tem por base, com ligeiras correcções, a que recentemente propus para um momento mais avançado do 3.º milénio (Gonçalves, 1989a: 4.4.2. e 5.4.2.).

6.2. Listagem e breve comentário às presenças artefactuais

PEDRA LASCADA

1. *lâminas* - com excepção de um exemplar de pequenas dimensões, só se recolheram fragmentos, tanto de sílex como de *chert*. Não parece impossível que, pelo menos no caso de algumas, mais que restos de artefactos, se trate de *componentes de artefactos*.
2. *lamelas* - inexistentes no registo de campo, apesar de núcleos praticamente exaustos terem sido recolhidos, o que torna a sua utilização em TESP3 mais que provável.
3. *furadores sobre lâmina* - identificaram-se 4, um dos quais de tipologia pouco usual nestes contextos.
4. *geométricos* - recolheram-se 2 prováveis e 1 intacto. Este último, um trapézio, pelas suas muito pequenas dimensões, parece representar uma supervivência de formas do Neolítico antigo.
5. *pontas de seta* - recolheram-se 4, de base côncava, quando a conservavam.
6. *núcleos de lamelas* - recolheram-se 5.
7. *restos de talhe* - apenas 1 fragmento parece de atribuir a esta categoria.

PEDRA POLIDA

1. *machados* - 7 machados, alguns reaproveitados como martelos.
2. *enxós* - 1 exemplar confirmado e outro duvidoso.
3. *martelos* - 1.
4. *tipos indeterminados* - vários fragmentos de anfibolite polida, resultantes da fragmentação de artefactos não identificados.

PEDRA AFEIÇOADA

1. *percutores* - mais de 30 percutores, quer de quartzo quer de rochas duras.
2. *moventes* - 5 fragmentos foram recolhidos, ainda que, pelas suas dimensões, alguns possam eventualmente resultar da fragmentação de dormentes.
3. *dormentes* - nenhum de classificação certa.

PEDRA NÃO AFEIÇOADA, MAS COM TRAÇOS DE UTILIZAÇÃO

1. *seixos* - mais de uma dezena de seixos de quartzite apresentavam vestígios de percussão, normalmente em extremidade, mas também, por vezes, periférica.
2. *pedras* - também algumas pedras registavam traços de impactos grupados, originados na percussão de algo.

ARTEFACTOS PARA ADORNO PESSOAL

1. *componente de colar* - 1 canino, transformado em pendente por perfuração

OSSO TRABALHADO

1. *furadores* - foram recolhidos 4 furadores de osso.
2. *formas indeterminadas* - alguns fragmentos de osso, aparentemente polido, sem forma reconhecível.

ARTEFACTOS CERÂMICOS DIVERSOS

1. *pesos de tear* - um total superior a 160⁽¹²⁾ e dos seguintes tipos
Grupo 1
 - *placas* - 1 perfuração por topo
 - 2 perfurações por topo

⁽¹²⁾ Não se indica um número total definitivo, uma vez que decorre ainda o processo de observação, fragmento a fragmento, das cerâmicas sem registo individual (mas com registo da coordenada Z). Essa observação acarreta sempre ligeiras alterações nos quantitativos dos bordos cerâmicos e dos próprios pesos de tear.

Grupo 2

- *crescentes* - secção circular («estreita» e «larga») ⁽¹³⁾
 - secção sub-rectangular
 - outros
- 2. *colheres* - 3 exemplares fragmentados.
- 2. *suportes de vaso* - admite-se como possível um fragmento, mas não é isenta de dúvidas esta atribuição.
- 3. *queijeiras* (cincho esferoidal) - 1 fragmento

RECIPIENTES CERÂMICOS

Em mais de 1500 registos com coordenadas anotadas, 1200 dizem respeito a bordos cerâmicos. Este número está ainda passível de ligeiras alterações, pelas razões enunciadas para os pesos de tear na nota em rodapé a esta página. As formas indicadas correspondem apenas às já identificadas com segurança. É previsível que especificações ulteriores apontem acrescentos ou diversificações, particularmente no que se refere aos globulares. A listagem seguinte deverá, portanto, surgir na monografia com um grau de precisão agora impossível.

FORMAS ABERTAS

1. *pratos de bordo espessado* - internamente
 - externamente
 - interna e externamente
2. *taças* - bordo não espessado
 - bordo espessado - internamente
 - externamente
 - interna e externamente
3. *pequenas taças*
4. *taças em calote* (abertas)

FORMAS FECHADAS

5. *taças carenadas* Tipo 1 (parede superior convexa)
 Tipo 2 (parede superior plana)
 Tipo 3 (parede superior côncava)
 - Sub-tipo 1 (bordo recto)
 - Sub-tipo 2 (bordo exvertido)
6. *vasos carenados*
7. *esféricos altos*
8. *esféricos achatados*
9. *taças em calote* (fechadas)
10. *recipientes de paredes rectas*
11. *potes*

CERÂMICAS DECORADAS

1. *taças carenadas* com aplicações de cordões plásticos
2. *taças carenadas* com aplicações de mamilos na carena
3. *recipientes mamilados* - mamilos simples
 - mamilos duplos
4. *cerâmicas impressas*
5. *cerâmicas incisas*

ARTEFACTOS RELACIONADOS COM O SAGRADO

1. *corniformes* - recolheram-se alguns fragmentos cerâmicos com a forma de cornos alongados.
2. «*ídolos de cornos*» - foram identificados fragmentos claramente pertencentes a estas controversas figuras.
3. «*ídolos de cornos*» *decorados* - 1 dos fragmentos apresentava finas incisões paralelas, talvez um motivo solar.
4. *figura cerâmica decorada* - uma figura cerâmica com decorações incisas foi recolhida. A sua interpretação será reservada para outro lugar.

⁽¹³⁾ Como se sabe, não existe actualmente uma classificação tipológica aceitável para os «pesos de tear» calcolíticos. A propósito do conjunto mais recentemente estudado, o do Cerro do Castelo de Santa Justa (Gonçalves, 1989, vol. 1: 250), 1494 fragmentos *que pertencem a um único tipo* - em forma de linguíça, com secção circular «estreita» - falou-se de uma primeira classificação geral, em que a secção poderia ser usada como definidora de tipos e variantes (Gonçalves, 1989, vol. 1: 293). Mas todo um longo e minucioso trabalho tem de ser feito antes de ser possível a elaboração de um quadro de referência verdadeiramente eficaz.

5. *cerâmica com decoração simbólica* - alguns fragmentos podem ser atribuídos a esta categoria. Um deles pode ter pertencido a um fundo de taça ou prato com uma decoração solar semelhante às já conhecidas neste contexto (Gonçalves, 1989a, 453-Fig. 8.21., 455-Fig. 8.22).

METALURGIA

Escória de fundição - 2 fragmentos metálicos representam restos de escória de cobre. A sua posição estratigráfica não é clara.

6.3. Breve comentário às cerâmicas

Uma primeira contagem, como já se disse passível de alterações após as contagens finais, indica alguns números interessantes:

Total de registos cerâmicos analisados:		1038 ⁽¹⁴⁾
total de fragmentos de taças carenadas:	210	20%
[total de tc com mamilos sobre a carena:	12]	6% ⁽¹⁵⁾
fragmentos de cerâmicas mamiladas:	145:	14%
fragmentos de pratos já identificados:	164:	16%

De todos estes valores provisórios, convém referir aquele que registará certamente maiores alterações, o que se refere aos pratos, uma vez que só após desenho e recuperação das alturas prováveis se poderá operar a distinção entre eles e as taças, particularmente quando se trata de fragmentos de pequena dimensão. A análise fina de fragmentos não especificados poderá também fazer crescer o número das taças carenadas. Com efeito, é possível, observando a fractura inferior de alguns fragmentos cerâmicos aparentemente incharacterísticos, detectar por vezes o início do espessamento e a inflexão do plano interno do recipiente que são típicos das taças carenadas. São situações que exigem, no entanto, uma atenção que, no decurso da escavação, não pode ser disponibilizada, considerando o correr das rotinas de campo.

Mas estes números permitem já uma primeira leitura e alguns breves comentários, sobretudo se tivermos presentes os que dizem respeito a Papa Uvas.

O número das taças carenadas de TESP3 apenas surge com valores similares aos de Papa Uvas na Fase II, IIA e IIB. Papa Uvas onde o pico dos pratos (4.16 %) se encontra na Fase III e o dos mamilos (10.52 %) na Fase IIB.

As cerâmicas decoradas de TESP3 justificam também algumas observações, tendo em conta, previamente, a situação verificada em Papa Uvas.

Papa Uvas apresenta uma primeira fase que pouco terá a ver com o Calcolítico, muito provavelmente derivada no Neolítico pleno local. A presença de cerâmicas decoradas numa percentagem relativamente elevada (comparativamente com os números obtidos para TESP3, cerca de 1 %) e o tipo das decorações (cordões plásticos, impressões, incisões finas) parece remeter sem reservas para esta filiação. Por outro lado, as próprias condições de jazida dificultam o esclarecimento rigoroso das condições em que se processaram as primeiras estratificações de solos, situação que, aliás, se repete noutros sítios. O que naturalmente afecta a leitura dos primeiros momentos da ocupação dos locais e dificulta uma melhor compreensão do significado específico da cerâmica.

⁽¹⁴⁾ Números provisórios, correspondentes aos registos de campo. As lavagens e marcações de peças posteriores elevaram o número de registos individuais definitivos.

⁽¹⁵⁾ Esta percentagem diz, obviamente, respeito à população total das taças carenadas.

É talvez a altura de se chamar a atenção para duas possibilidades, no que se refere a certo tipo de materiais, particularmente as cerâmicas decoradas. Numa primeira situação, esses materiais podem constituir efectivamente parte de um conjunto homogéneo, desarticulado pela evolução das condições de jazida. Numa segunda situação, podem representar apenas sobrevivências ou imitações de formas anteriores. Neste último caso, pertencem (sem paradoxo) a dois tempos e a dois contextos.

No Cabeço do Pé da Erra, foi possível detectar uma situação deste último tipo. Em TESP3, cerâmicas provavelmente filiáveis num momento idêntico à primeira fase de Papa Uvas não implicam necessariamente a mesma atribuição cronológica que para aquelas foi proposto.

De qualquer forma, em relação ao total de registos cerâmicos a percentagem de cerâmicas decoradas recolhidas em TESP3, incisas ou impressas a pente, ultrapassa por escassas décimas o 1%. É um número indiscutivelmente baixo, tão importante num sentido, como a própria natureza da decoração o é, noutra.

7. DISCUSSÃO

Os povoados que têm apresentado similitudes a nível do seu conteúdo artefactual (e da sua própria implantação no terreno) com TESP 3 são relativamente escassos em Portugal e estão, na sua totalidade, ou inéditos (Cabeço do Cubo) ou insuficientemente publicados, por se encontrarem ainda em estudo ou por o seu conhecimento derivar apenas de recolhas de superfície ou de sondagens curtas (caso dos povoados de Sines). Poderia ainda referir-se o caso da Parede, onde o conhecimento percentual das formas carenadas está muito adulterado pelas publicações disponíveis, tal como recentemente tive oportunidade de confirmar.

Em Espanha, as extensas campanhas que decorreram em Papa Uvas (Aljaraque, Huelva) permitiram um conhecimento bastante preciso das séries artefactuais e dos tipos de estruturas mais comuns (Martín de la Cruz, particularmente 1985 e 1986, 1989), ainda que muitas questões persistam por esclarecer.

A utilização recente de um novo rótulo, o de «Cultura de los Silos» (Carrilero *et al.* 1982) não parece das mais felizes, sabendo-se que (1) sobre as estruturas em questão, a unanimidade é inexistente, havendo mesmo quem as considere processos de drenagem ou/e lixeiras subterrâneas de cabanas sobre elas construídas (Martín de la Cruz, 1989) (2) todas as culturas de «verdadeiros» produtores (neolíticos, calcolíticos e outros) escavaram ou construíram silos, o que retiraria interesse à designação. Assim, a expressão «cultura de los silos» dificilmente constituirá um factor diferenciador suficientemente seguro e imediatamente reconhecível como referência classificatória funcional.

Para além das questões simplesmente por esclarecer, permanecem naturalmente em aberto muitas interrogações. Comentarei algumas.

1. Que tipo de habitações eram as construídas nestes sítios?:

A resposta é, actualmente, difícil, senão mesmo impossível. No entanto, o barro de cabanas recolhido no TESP3 permite que se fale de estruturas permanentes, no mínimo suficientemente permanentes para justificarem a impermeabilização. Se aceitarmos para a Fossa 1 a interpretação que Martín de la Cruz defende para as estruturas idênticas de Papa Uvas, a existência de estruturas de ocupação prolongada parece ainda mais defensável.

2. Qual o regime de ocupação do espaço habitacional, sazonal ou contínuo?:

A propósito do Cabeço do Cubo, avancei a hipótese de uma sazonalidade ligada à transumância (Gonçalves, 1989a), o que poderia justificar a raridade dos artefactos de pedra lascada e polida e a quase inexistência de componentes de moinhos manuais (dormentes e moventes), contrastando com a abundância de recipientes cerâmicos, eventualmente abandonados no local. Mas, a propósito do

Neolítico final e das primeiras fases do Calcolítico, torna-se difícil aceitar a existência de grupos integralmente «transumantes». Como aliás em relação a períodos posteriores: o segmento «transumante» de uma qualquer sociedade é apenas isso, um segmento (numericamente reduzido) de uma sociedade maior e parcialmente estável.

3. Qual o tipo de territorialidade destes grupos?:

Quando os grupos são móveis, os territórios não são estáveis, recriando-se continuamente à medida que os grupos se deslocam.

Estas situações produziriam assim povoamentos de malha aberta que, representando uma alteração ao antigo padrão próprio do bando, constituem, apesar disso, uma apropriação frouxa do espaço de que seriam usuários.

A construção de monumentos megalíticos poderia constituir assim um ponto de fixação psicológica, uma referência fixa e reconhecível num espaço amplo.

4. Que estruturas económicas e sociais?:

Aqui, as informações operam a partir do negativo e do positivo. Não há testemunhos, até ao momento, de práticas agrícolas intensivas, traduzidas quer na recolha de gramíneas semeadas (não se registou número significativo de componentes de foíce) quer na farinhação (raridade de dormentes ou moventes). Mas a tecelagem está confirmada, considerando-se o número elevado de pesos de tear, o que implica, naturalmente, a criação de ovi-caprídeos e/ou o cultivo do linho. Quanto aos percutores recolhidos, todos com traços de percussão periférica, pela generalidade das suas funções, pouca utilidade têm como veículos de informação específica.

Sobre o tipo de sociedades, a escassez de dados não aconselha qualquer proposta no imediato. A imagem geral poderia indicar uma população com práticas agrícolas mínimas, cuja economia se baseasse sobretudo na criação de gado, provavelmente de ovi-caprídeos e suídeos⁽¹⁶⁾, conhecendo a metalurgia, ainda que a não praticasse de forma significativa.

5. Qual o tipo de monumentos funerários a que corresponderia este povoamento?:

Questão clássica, para todo o megalitismo, e invariavelmente mal respondida, à míngua de outros sincronismos, para além dos cronológicos, eles próprios mal esclarecidos.

No entanto, está suficientemente registada a presença de taças carenadas e vasos carenados em monumentos megalíticos de Reguengos de Monsaraz. No que às cerâmicas decoradas diz respeito, as informações também não estão ausentes. Os monumentos que incluem nos seus inventários cerâmicas deste tipo, similares às recolhidas em TESP 3, são interessantes, apesar de em número reduzido⁽¹⁷⁾. Não parece, portanto, contestável que a ocupação da Torre do Esporão nos inícios do 3º milénio corresponda a uma das fases de construção ou utilização dos monumentos megalíticos de Reguengos. A qual, precisamente, é outra questão.

6. Que manifestações do sagrado?

Campo sobre o qual as informações são escassas, como é habitual, mas concludentes (dentro do que é viável nestas situações). Assim, a figura provida de cornos, os corniformes e porventura os fragmentos de «ídolos de cornos» indiciam uma superestrutura também presente no Cabeço do Cubo (Campo Maior), na Mangancha e na Sala n.º 1 (Vidigueira), no Cerro dos Castelos (Serpa), para não falarmos já no Extremo Sul (Santa Justa), na Península de Lisboa (Vila Nova de S. Pedro, Liceia...).

⁽¹⁶⁾ Os ovi-caprídeos e os suídeos são ainda hoje dominantes sobre os bovídeos, numa área onde a introdução da vinha veio alterar profundamente a paisagem, mas sempre em áreas localizadas e não ao ponto de a subverter completamente.

⁽¹⁷⁾ Ver a este respeito Gonçalves, 1990, e o texto aguardando publicação, *Revendo as Antas de Reguengos de Monsaraz*.

Um dos corniformes é, mesmo, uma figura bizarra, quase lembrando mais uma extremidade distal de menir que um «corno» propriamente dito.

Infelizmente, e como várias vezes tenho sublinhado, as manifestações do sagrado, dada a especificidade do seu «funcionamento», ocorrem em contextos muito diversos e a simples presença de uma ou mais figuras não serve para caracterizar infraestruturas, definir territórios ou datar sítios (a não ser segundo parâmetros tão amplos que se tornam ineficazes).

7. Que cronologias?

O estabelecimento de cronologias para sítios com estas características, com este tipo de artefactos e estruturas, é particularmente difícil, se tomarmos em linha de conta que muito escassas são as datas ^{14}C disponíveis.

Nenhum dos sítios espanhóis forneceu, até ao momento, qualquer contributo decisivo sobre esta matéria.

Com base nos dados que obtive em Papa Uvas, abundantes a todos os níveis, menos no das datações absolutas, Martín de la Cruz fala de quatro fases (Martín de la Cruz, 1986 e 1989). São as seguintes:

Fase I - Neolítico final	3200/3100 - 2900 a.C. (*)
Fase II - Calcolítico inicial A e B	2900 - 2800 a.C.
Fase III - Calcolítico inicial	2800 - 2700 a.C.
Fase IV - Calcolítico médio I	2700/2600 - 2500 a.C.

Estas balizas cronológicas baseiam-se na interpretação dos conjuntos artefactuais e em apenas duas datações:

CSIC 485	4840 + 120 BP
CSIC 654	4110 + 50 BP

Tanto no que se refere a Morales como a El Lobo, são inexistentes quaisquer referências cronológicas relevantes. Sobre Cabeço do Cubo e Vale Pincel II, em Portugal, não se possuem também quaisquer indicações sobre uma localização temporal fiável.

Mas a datação dos níveis 5 e 6 da Sala n.º 1 (Gonçalves, 1987: 16) pode, no entanto, ser relevante para a discussão em curso, pelos óbvios paralelismos artefactuais com TESP3.

As datas obtidas para os níveis 4-5-6 da Sala n.º 1 são:

Nível 4:	ICEN 447 - 4490 ± 110 BP - 3510 - 2910 CAL AC (a 2 sigmas)
Nível 5:	ICEN 445 - 4490 ± 80 BP - 3491 - 2920 CAL AC (a 2 sigmas)
Nível 6:	ICEN 444 - 4490 ± 100 BP - 3502 - 2910 CAL AC (a 2 sigmas)

(*) Apesar de tal não ser claramente explícito, Martín de la Cruz fala aqui *em anos de carbono 14*, não efectuando a calibração que os transformaria em anos de calendário. É assim que estes parâmetros devem ser lidos e tendo presente que a sua calibração os colocaria em pleno 4.º milénio.

Temos portanto, para esta série, em anos de calendário, uma clara localização na 2.ª metade do 4.º milénio e, talvez, na transição do 4.º para o 3.º, o que corresponde, de algum modo, às datações propostas para as Fases II e III de Papa Uvas, após calibração.

As datas de Papa Uvas, e a sua distribuição e atribuição às quatro fases identificadas por Martín de la Cruz, permanecem portanto, com as da Sala nº 1, as únicas indicações possíveis para o estabelecimento de parâmetros cronológicos.

É certo - e tal deve ser sublinhado - que as Fases de Papa Uvas, tal como os parâmetros cronológicos para elas propostos, estão longe de ser pacíficas, sendo necessário precisar mais de perto as relações entre as estruturas, os artefactos e as datas.

Com efeito, se a interpretação de Martín de la Cruz para as fossas for a adequada, entre os construtores/utilizadores das cabanas providas de fossa e o conteúdo actual destas não deve haver discrepâncias.

Mas se os construtores das «sanjas» ou fossos não tiverem que ver com os artefactos neles concentrados, como ele afirma, torna-se difícil, se não impossível, determinar associações cronológico-artefactuais úteis em periodização e que sejam efectivamente defensáveis.

Considerando a área aparentemente reduzida de TESP3, é possível que as datações ¹⁴C que se espera possível obter em 1992 esclareçam um pouco esta situação, aceitando-se a sua provável contemporaneidade com os níveis 6-5-4 da Sala nº 1 (Pedrógão do Alentejo).

Uma última observação poderia ser feita, desta vez a propósito de um contexto «litoral», a primeira fase de ocupação do sítio de Liceia.

As três datações disponíveis (Cardoso, 1989) são as seguintes:

ICEN 312	4530 ± 130 BP
ICEN 313	4520 ± 130 BP
ICEN 316	4520 ± 70 BP

A mais importante de todas talvez seja ICEN 313, que se refere à *Casa R*, mas estatisticamente as três datações são iguais. Liceia contem, na realidade, não poucos problemas e a existência de datações como estas levanta curiosas questões, uma das menores não será as diferenças evidentes entre os conteúdos artefactuais da sua primeira Fase e Parede «I». Semelhanças existem, é certo, mas as divergências são, pelo que nos é dado apreciar pela monografia, consideráveis.

De qualquer forma, e longe das afinidades que os sítios alentejanos (Sala n.º 1 e TESP3) apresentam com a Parede, Liceia levanta de novo o problema do que será um eventual «fundo indígena» e uma «colónia». E talvez não deixe de ser significativo que a uma defesa convicta do indigenismo (Cardoso, in Gonçalves et al., 1983-84) se tenha sucedido uma leitura delirantemente orientalista (Cardoso *et al.*, 1987). Claro que aí a responsabilidade poderá não ser do co-autor citado, mas de um dos impagáveis colaboradores desse pequeno monumento ao *non sense* em Arqueologia...

Torre do Esporão e Lisboa, Verão de 1991

Pequena nota em fim de texto, possivelmente sem grande importância (ou talvez não):

Foi recentemente activada, ainda que sob a luz suave dos bastidores, uma antiga questão, a dos méritos relativos de «notícias preliminares» e «monografias».

Na óptica de quem ressuscitou o debate, créditos muito baixos seriam atribuídos a toda e qualquer publicação de arqueologia que se não revestisse de características «monográficas». E a medida do mérito seria estabelecida a partir do número das publicações de cada autor, das obras «de tomo», das páginas escritas (ainda que, em certos casos, quando assim convém, a total ausência de publicações científicas possa ser generosamente creditada...).

É, infelizmente, uma visão tão original como completamente desligada da realidade actual europeia, de campo e laboratório.

A preparação de uma monografia sobre um sítio pré-histórico não deve ser necessariamente rápida nem constituir-se numa imediata prioridade, ainda que um limite máximo para a sua elaboração deva naturalmente ser exigido. Também implica, hoje mais que no passado, entre outras coisas, e para além de muito trabalho, créditos avultados. Suficientes, por exemplo, para executar, ou pelo menos tintar, os desenhos que dela são parte fundamental. E exige também (e sobretudo) *tempo*. E não apenas para descrever artefactos e estruturas, mas *para pensar o sítio e os problemas que ele implica*, o que, convenhamos, não tem sido, salvo raros casos, um hábito nacional.

Assim, para um leitor distraído, ou que partilhe uma visão neo-conservadora, este trabalho, por exemplo, poderia parecer uma «notícia preliminar». Para o que não haveria sequer desculpas possíveis: é *consciente e deliberadamente* que o seu autor escolhe não menosprezar o valor científico quer de curtas notícias, sobre sítios ou artefactos, quer de pequenos ensaios em que se revejam ideias feitas. Com satisfação o faz, deve dizer-se, mesmo correndo o risco de uma acusação de contumácia (ou de algumas bolas pretas...). E talvez o faça tão tranquilamente por continuar convencido da razão que assiste a quem assim pensa.

Preferível é que a comunidade científica seja atempadamente informada sobre os resultados de uma escavação, ainda que provisórios, em vez de ter que esperar em silêncio, passiva e ordeiramente, pelo desbloqueamento dos subsídios (que para alguns serão sempre «nebulosos») e das verbas (necessariamente «avultadas») que irão permitir a edição das indispensáveis monografias. Subsídios e verbas que, entre nós, quando realmente existem (isto é: fora da imaginação de alguns), têm premiado mais a insuficiência e a superficialidade (quando não a mediocridade) que o trabalho de fundo.

Pessoalmente, ou no sólido bloco de afinidades de pesquisa e amizade que é a UNIARQ, não esqueço as «facilidades» tantas vezes concedidas à legião dos *yes men*, cuja estultícia acaba sempre, felizmente, por ser o seu melhor travão (no médio prazo, infelizmente). E menos esqueço, por as ter vivido, as sistemáticas dificuldades experimentadas por quem, trabalhando coerentemente, prefere os caminhos lentos, mas seguros, às vertigens fascinantes da irreflexão.

Como alguém recentemente dizia, não se pode esquecer a força corporativa dos que não pensam como nós. Mas como «*timeo Danaos et dona ferentes*», sempre acabo por pensar que é afinal bem melhor que assim seja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, João — 1989 — *Leceia. Resultados das escavações realizadas. 1983-1988*. Oeiras.
- CARDOSO, João; Manuel Leitão e Octávio da Veiga Ferreira — 1987 — Nota acerca de uma conta-amuleto encontrada no «tholos» da Titularia (Mafra), *AP Série IV* 5, 89-99.
- CARRILERO, Manuel; Gabriel Martínez y Julian Martínez — 1982 — El yacimiento de Morales (Castro del Rio, Cordoba). La cultura de los Silos en Andalucía Occidental, *CPUG* 7, 171-207.
- GONÇALVES, João Ludgero, e Eduardo da Cunha Serrão — 1979 — O povoado calcolítico do Alto do Dafundo, *Actas da I Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto, 121-134.
- GONÇALVES, Victor S. — 1978 — Para um programa de estudos do Neolítico em Portugal, *Zephyrus* XXVIII-XXIX, 147-162.
- GONÇALVES, Victor S. — 1979 — A Carta Arqueológica do Algarve: estratégia e perspectivas, *Clio* 1, 99-139.
- GONÇALVES, Victor S. (coordenador) — 1983-84 — Povoados calcolíticos fortificados no Centro/Sul de Portugal: génese e dinâmica evolutiva, *Clio/Arqueologia* 1, 141-154.
- GONÇALVES, Victor S. — 1987 — O povoado pré-histórico da Sala n.º 1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a Campanha 1(88), *Portugália Nova Série VIII*, 7-16.
- GONÇALVES, Victor S. — 1988/89 — A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz), *Portugália Nova Série IX-X*, 47-60.
- GONÇALVES, Victor S. — 1989a — *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada*, 2 vols. Lisboa.
- GONÇALVES, Victor S. — 1989b — Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular, *Almansor* 7, 289-302.
- GONÇALVES, Victor S. — 1989c — Arqueologia? Que Arqueologia?, *Vértice II Série* 20, 117-118.
- GONÇALVES, Victor S. — 1990a — Sítios, «Horizontes» e Artefactos: o caso da Parede (Cascais, Lisboa), *Arquivo de Cascais* 9, 13-43.
- GONÇALVES, Victor S. — 1991 — Sítios, «Horizontes» e Artefactos: 2. algumas breves considerações sobre as chamadas taças carenadas e a primeira metade do 3.º milénio em Portugal, *Arquivo de Cascais* 10.
- LEISNER, Georg, e Vera Leisner — 1951 — *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa (reedição em 1985).
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. Clemente — 1985 — Papa Uvas I, Aljaraque, Huelva, Campañas de 1976 a 1979. (EAE, 136), Madrid.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. Clemente — 1986a — Papa Uvas II, Aljaraque, Huelva, Campañas de 1981 a 1983, (EAE, 149), Madrid.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. Clemente — 1986b — Aproximación a la sequencia de habitat en Papa Uvas (Aljaraque, Huelva), *Home-naje a Luis Siret*, Sevilha, 227-242.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. Clemente — 1989 — L' insediamento neolitico e calcolitico di Papa Uvas, *Interpretazione funzionale dei «fondi di capanna» di età preistorica*, Milano, 82-90.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. Clemente; M. J. Gomez Pascual, M. T. Alvarez y P. Chaves — 1985 — Nueva interpretación sobre los poblados en el estuario del Tinto-Odiel, *IIA* 7, 161-206.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. Clemente e J. M. Miranda Ariz — 1988 — El poblado calcolítico de Valencina de la Concepción (Sevilla): una revisión crítica, *CPA* 15, 37-67.

- MOLINA LEMOS, L. — 1980 — El poblado del Bronce I de El Lobo, *NAH* 9, 91-130.
- PAÇO, Afonso do — 1964 — *Povoado pré-histórico da Parede (Cascais)*. Cascais.
- PARREIRA, Rui — 1990 — Considerações sobre os milénios IV e III a.C. no Centro e Sul de Portugal, *Estudos Orientais* I, 27-43.
- PIÑÓN VARELA, Fernando, y P. Bueno Ramírez — 1985 — Estudio de las colecciones de materiales procedentes de La Dehesa (Lucerna del Puerto) y El Judio (Almonte). Testimonios sobre la ocupación neolítica del litoral onubense, *HA* 7, 107-160.
- RIBEIRO, Leonel, e E. Sangmeister — 1967 — Der neolitische fündplatz von Possanco bei Comporta (Portugal), *MM* 8, 31-45.
- RUIZ MATA, D., e J. Clemente Martín de la Cruz — 1977 — Noticias preliminares sobre los materiales del yacimiento de Papa Uvas (Aljaraque, Huelva), *CPA* 4, 35-48.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha — 1983 — A estação pré-histórica da Parede. Documentos inéditos sobre estratigrafia e estruturas (Campanha de 1956), *AP Série IV* 1, 119-147.
- SILVA, Carlos Tavares da e Joaquina Soares — 1976-77 — Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve, *SA* 2-3, 179-272.
- SILVA, Carlos Tavares da e Joaquina Soares — 1981 — *Pré-História da Área de Sines, trabalhos arqueológicos de 1972-77*. Lisboa.